



PAIXOTOMIA

PENSOKRATA



PENSOKRATA
DE TUDO & DE TODOS



PAIXOTOMIA

PENSOKRATA

Título:
Paixotomia

Autor:
Pensokrata

Diagramação
Projecto gráfico
Capa:

Bondiy



ISBN:
978-989-53297-0-0



Copyright © PENSOKRATA, 2021

1ª edição

Protegido, de acordo com o estipulado no Código do direito de autor e conexos.



aos amores e *desamores...*
de mim, para ti!

Índice

Prefácio -----	pág. 6
Voe -----	pág. 7
Silêncio -----	pág. 8
Dilema -----	pág.9
Inação -----	pág. 11
Quando a noite cai -----	pág. 12
Era uma vez -----	pág. 14
Espelho quebrado -----	pág. 17
Será pedir muito? -----	pág. 18
De olhos cegos (Sei te) -----	pág. 20
De alma cicatrizada -----	pág. 21
Maldito orgulho -----	pág. 22
Destemperada -----	pág. 23
Coração penitente -----	pág. 24
Quero sim -----	pág. 26
Não mereces -----	pág. 27
Renascer -----	pág. 28
Água da minha sede -----	pág. 29
Sei que não sei -----	pág. 30
Acirrante proposta -----	pág. 31
Premunição -----	pág. 32
Desencontros -----	pág. 34
Eras tu? -----	pág. 36
Cartão Vermelho -----	pág. 39
Se você me esquecer -----	pág. 42
A última carta (decisão final) -----	pág. 44
Sobre o autor -----	pág. 46



plagiar e vender



partilhar e resenhar

Prefácio



Existem inúmeras formas de dizer-te que o tempo não mudou os sentimentos. Dentre todas elas, escolhi o silêncio das palavras. Quando te vi marcado nas sombras do ‘eu’, o meu suspirar mudou repentinamente. Tremeu despreparado, a pulsação tornou-se taquicardia e pude comprovar, sem voz falada, mas bem escutada, que as marcas do amor que em mim fecundaste, jamais terão final inoportuno. Quis fugir de mim mesma (o) quis gritar aos cantos da própria consciência para salvar o meu coração analfabeto. Não existem escalas para amar! Foi o tão pouco do muito que me ensinaste. E esse amor doentio, mas bonito, que carrego em meu peito, é a única motivação que me move no tempo. Podia escrever-te mil cartas de saudades, mas às vezes, a vergonha e o medo de fracassar travam-me. Temo ainda mais despedir-me quando não sei soletrar a solidão, apenas consigo escrever saudades em letra maiúscula em canetas de pouca tinta.

Mas nesse último encontro, último entre “aspas” e reticências... entre eu, e a outra parte de mim que te pertence, ficará gravado na cassete do tempo, embrulhado na prateleira de recordações daqueles que se deliciaram com a nossa história, e escolherem amar-se intensamente sem se importar com o final da trajetória.

De mim, para ti...

Firmino Capuacala



Voe

Agora és livre
como pássaro

já não precisas prestar
contas ou carinhos
voe pra longe de mim

sei que outras aves
precisam do teu calor
pra' os seus ninhos



Silêncio

Escutar o barulho
do ódio que ressona
sob os lençóis do orgulho
du'm amor em coma

escutar alivia
o silêncio, acalma a alma
da paixão doentia
das lembranças e traumas

os sons rimam com o tempo
do que foi, do que será
continuarei no desalento?
nafragando nas manhãs
dilaceradas
pelo silêncio!



Dilema

O sol questionou-me
por que deixei de escrevê-lo
revelou, que era doce
e belo
sentir o soletrar dos pensamentos
quando em mim florescia
novas sensações

que vergonha!
não saber o que dizer ao sol
quem diria...
que as palavras culminariam

e talvez já nem precise, dizê-las
porque em silêncio
sou poesia!

a lua perguntou-me
sobre o que escondia
por detrás dos versos que redigia
outra vez...
não soube o que dizer a lua

foram memórias queimadas
traduzidas nas estrofes



que lia
memórias que não se apagaram com o tempo
pois o vento
trouxe consigo o vapor temperado
da saudade que o ambiente
oferecia

e o amor na sua imensidão de alegria...
questionou por onde andavam
os versos que escrevia
aqueles que revelavam o que vivia
quando senti-me amado

por quem hoje
mal dirijo um bom dia...
ficaram aqui (no coração)



Inação

Entreguei-te o coração por inteiro
cegamente decretei procrastinação
do enlace que me corroía
e como doía...

olho-te, sem te ver
sinto-te, sem querer
mas espere... eu quero!
se for provado a minha sentença
pela morte do teu fascínio
pago o enterro!

somos desfeitos de aço
tão pouco ferro
o que sinto não é dessentir-te...
é desespero!

incertezas de entregar-me
no que diz ser: sincero
é doloroso...
suportar dissabores
e ainda assim...
sonhar...
no recomeço do zero



Quando a noite cai

Jamais alquimiarei não ver o fim
quando me perco nesse aroma destemperado
da saudade infinita

vejo tudo, menos a ti
e sem ti
me considero cego
o meu superego
vê o fim!

olha pra mim, finja que vês o mundo
percebeu?
nem tu mesma consegues
ver-me assim...

o antes corpo, tornou-se inópias de sombras silenciosas
estou onde tu estás...
é uma fantasia miúda
te servir...

sabe...
quando a noite, invade o meu quarto sombrio
a felicidade, se conecta aos meus olhos de tal forma
que eles...
eles brilham!...



logo, o encontro perfeito:
um coração frio
um quarto vazio
e uma saudade, que jamais será saciada!...



Era uma vez

Foi naquele velho caminho
que nos cruzamos, em uníssono
e tudo pareceu premeditado!

o amor recordado,
os anseios desvendados
foi naquele carro parado, sem tinta da vida
mas com pinta
do amor

por onde nos cruzamos em uníssono
que tudo pareceu, premeditado!

a rua era suja
não se tirava algo, além da concupiscência
que alimentava os amores da época

paixões inocentes
era a beleza do que ninguém mais se lembra
outrora, alguém em segredo
desejou não esquecer

foi naquela rua suja,
por onde o amor nos cruzou, em uníssono
que tudo pareceu premeditado!



os passeios, as corridas em busca
de um beijo em troca
os beijos roubados, também se contam

as intenções de saciarmos um ao outro
se ocultavam, nas brincadeiras criadas,
na raiz, da inocência avançada

foram naqueles beijos, naqueles abraços
por onde, nos cruzamos em unísono
que tudo pareceu, premeditado!

a distância separou-nos
talvez, não seja
o orgulho, distanciou-nos
será única suspeita?
ganharmos juízo
desligou-nos da inocência?

aquele, último beijo
a roda de dança, os desvaneios, as esperanças
o velho caminho que cruzamos
o carro parado, sem tinta
a rua de higiene, faminta
o que em nós, deu errado?



o poema da saudade infinita
que rejeita, ser rimado
deixou claro, que não mais estamos
cruzados em unísono
e tudo pareceu, premeditado!



Espelho quebrado

Jamais seremos o que fomos
os caminhos, nunca se voltam
a cruzar duas vezes
sem que um possa ceder a passagem
rumo ao lado oposto da estrada

fomos e sempre seremos...
sombras de vidas já vividas
aguardando pela alma gémea desconhecida
para que tudo, ganhe sentido outra vez.



Será pedir muito?

Só preciso de um motivo
para não te desamar
só preciso de uma razão
para acreditar
que ainda vale a pena

só preciso de um sinal
que ainda me desejas
só preciso de uma resposta
embora pequena

só preciso de um olhar confiante
para me sentir melhor
só preciso de um abraço ofegante
que me traga calor

só preciso de ti, meu bem
de ti, amor!

só preciso que te entregues
não que te prendas no «sentir»
só preciso que me digas
quando não quiser ouvir



só preciso que chores
sempre que quiser chorar
só preciso que acredites
quando precisar sonhar

só preciso que demonstres
sem temer o amanhã
só preciso que te entregues
na aventura de me amar...
será pedir muito?



De olhos cegos (sei-te)

Sei-te nos caminhos
que escondes
por de trás
da arrogância simulada

sabia-te, antes de conhecer
o sabor amargo
da tua distância

agora, sei-te melhor do que antes
bem antes de embriagar-me
no aroma
da tua fragrância

serei eterna escrava das pegadas
do teu insurgir «em mim»
serei você sem presença
canção sem esperança

serei solidão
desnaturada!
sei-te em decor!...



De alma cicatrizada

Ouçã:
as lágrimas que derramei quando partiste...
exceleram
nos braços de um novo amor

os olhos que cintilavam
quando te viam
continuam brilhando
depois que a chama do seu toque
se apagou

as mãos que te possuíram um dia...
são as mesmas
que colidiram ao seu dispor

os lábios que te beijavam...
esses não mudaram!
mas a gana em saborear-te
alterou...

todos os órgãos do corpo
que já foi teu
contradizem as velhas sensações
deixando em negrito:
ninguém deseja sentir-te outra vez!



Maldito orgulho!

Um dia o amor vai olhar para nós
com o semblante atroz
dissuadindo inquieto:
quem sóis vós?

um dia a saudade voltará a bater
a nossa porta
pois virão a superfície...
as perguntas que nem o tempo
dará resposta

ironia solta
destino sem contravolta
barril sem conta-gotas

cortamos os laços do desejo
cada um segurando metade desse fio
com pontas soltas.



Destemperada

Fui história mal escrita
um rascunho tão valioso
entregue
à mãos erradas

serena como o clima
que espreita
a madrugada

intensa como o índole
da carne "salteada"
fui recheio adocicado
cozido,
mas rejeitada

ao teu lado fui...
bola de berlim «molhada»
"salada destemperada"
ovo frito
mau passado!



Coração penitente

Transcrevi as linhas
dos versos guardados
na velha mala
que o tempo ofertou

encontrei nelas...
lembranças marcantes
de minhas pegadas
mas eram só minhas!...

era minha...
a única voz que se ouvia
na sinfonia do nosso romance

eram minhas
as tatuagens
que ficaram marcadas na agulha
infectada pelo vírus do teu amor

não lhe culpo!...
sou sempre tola
intensa como criança
expectante como se fosses
a primeira página na história dos meus dissabores



vá!
suma da minha memória!
só não te sintas culpado por nada
culpa-me a mim
por ser muito intensa!



Quero sim!

Conta-me os teus medos
quantos pecados escondes?

conta-me os teus sonhos...
quantas vezes se cansou de sonhar?

conta-me os teus segredos...
o que fazes quando bate a saudade?

diz-me emocionada que é meu nome
que chamas
por mais que soar
inverdade



Não mereces!

Queria poder escrever-te
o que ainda não disse
mostrar-te as surpresas
que guardei para ti
que pena...



Renascer

*Nunca é tarde demais
para voltar a sonhar*

*nunca é cedo demais
para conhecer o amor*

*sempre será o momento certo
para recomeçar
até quando...
viverei
fugindo a dor?*



Água da minha sede

*Fui-te um belo sonho encomendado
um vazio de mim mesma
mas tão cheio de ti*

*fui um sentimento exagerado
inocência palerma
fui inexperiência no "sentir"*

*fui tudo que soava a negatividade
desespero, baixa estima
era tristeza de mim mesma
pela tua felicidade...*

*ao teu lado
fui escravidão cega
olhos cobertos não veem luz!*

*longe de ti...
sou o rosto de dias solenes
o que serás para mim?
verso mais bonito que compus
a água da minha sede!*



Sei que não sei

O giz do amor repintou
a vermelho
o meu pobre coração
desenformado

já não sou
inexistência no arco-íris
nem tinta
do marcador
que ressecou!...

será eu...
tudo que o destino
me oferecer?
não sei, não sei
não sei...



Acirrante proposta

*Se for eu
um fogo ardente*

*manter-me resiliente
mostrar-te...
mil sorrisos
mas de coração doente*

*me prender
feito louca
nesse seu beijo inocente*

*desenhar em sua roupa
o quanto me sinto carente...
será que voltas?*



Premunicação (o último encontro)

Como será ?
ao rever-te...

tocar-te-ei sem abraçar-te?
não que vá morrer
de regozijo ao roçar teus folículos

quando reencontrar-te
tentarei não sentir o aroma
do perfume
que comprei-te como prenda
num dia de sol brando

será ...
que vou abraçar-te todinho?

ficarei só
nos pensamentos
gritarei aos poucos ao mundo
que já foi nosso
“ me ajuda desapegar”

recordando ao cupido
que chegou a hora para despertar do coma



estarei calada por fora
por dentro?
as minhas lágrimas
continuarão regando
os ductos lacrimais
em sentido controverso!

quando rever-te...
gritarei no silêncio surdo
serei voz calada!...



Desencontros

O último instante
foi como o primeiro dia
pude sentir a mesma emoção:

coração batendo fora da caixa
como se quisesse
escrever meu sobrenome
em seu corpo

a penúltima despedida
foi parecida com essa
pois voltamos no mesmo lugar
nunca deixamos
de ser «nós»

naquele dia, nublado
quando nossos olhares se cruzaram
nas entrelinhas do tempo
um segundo
de respiração partilhada
“início de uma história memorável”

mas não!
nesse último dia
último entre «aspas» e reticências...



seguirei carregando o peso
da felicidade crua
sem perdão
sem reciprocidade
“o amor descontinua”

em taquicardia
o coração ainda bate
como no primeiro dia

mas já sem ansiedade
de saltar a caixa

ousado continua batendo
até que o velho siso
o relaxa



Eras tu?

Quem gritou sem escrúpulo
humedecida de prazer:
o que sentes agora?

perguntaste ao aproximar
os nossos lábios
deixando entre as bocas
a cerca que separava
a vontade de emigrar para o beijo
sem romper
a fronteira do desejo infinito
sinto-te!

foi tudo que saltou-me
pela garganta sedenta
da saliva
que limitava-se a lubrificar
a mucosa do palato mole

logo o teu corpo
começou a ferver
derretida a cada toque delicado
espalhando prazer a nossa cama
nos lençóis de algodão
humedecidos de tesão



e tensão
foi quando pela segunda vez
questionaste
o que sentes agora?

o que sinto...
não se explica
desnuda-se pelo toque!
como dois lutadores em campo
a minha resposta
é o contragolpe

sorriste soletadamente
enquanto isso
continuava desvendando
a magia do teu sorriso silabado

deitaste no tapete
a nossa cama foi entregue
a sepultura
já eu?
um motorista sem capacete
que conduziu-te a loucura

e pela terceira e última vez
perguntaste:
o que sentes agora?
corei...



de seguida, olhei-te profundamente
indaguei ao ver a minha imagem nua
estampada em sua íris
com todos detalhes
da minha nudez
repus o fôlego com um âmagô suspiro

agora sim:
sinto-te!



Cartão Vermelho

Vou despir-me sozinha...
se prometer sussurrar sem medo
no meu ouvido

tapando a luz da lanterna
dos teus olhos
com a calcinha...
que carrega o aroma do meu fruto proibido...

sou-te sem ter sido...
sou a roupa que lhe reveste
o corpo...
sem tecido!...

faça tudo sem vergonha
sê safado...
liamba ou maconha?
és gostosura em pecado...

sou sua...
e de mais ninguém...
assim...
lento, lento, lento...



seu corpo arfando
nesse mar imenso
eu molhada...
nos limites
do prazer intenso...

as tuas mãos...
são magia...
sem lenço...
toca-me com ternura
que depois...
arrefeço...

assim desse jeito:
lento, lento, lento...

embora desatento
conseguiu desfolhar-me
por dentro...
sou mulher de muitas palavras...
mas acabaram-se...
os argumentos!...

os meus lábios
estavam sedentos
em meu corpo
habitava um deserto
agora sim...



sinto-te por completo...
lento, lento, lento...

os lençóis não precisavam
melhor experimento
entrego-me nua!...
o meu corpo
é o teu instrumento...
leva-me a lua...
sem inadimplemento!...

só não mudes o ritmo
se não...
estragas o efeito...

lento, lento, lento...
ups!...
o que foi?
eu não ansiava esse desfecho...
relaxe...
o que se passa?
rebentou o látex!



Se você me esquecer

Continuarás sendo a mais bela
dentre as paisagens que o meu corpo visitou
nada nos afastaria para sempre

há caminhos que permanecem abertos
quando o amor se esfriou

em algures...
já não seríamos obrigados a reviver histórias
somente nos reencontraríamos nos milésimos
ou segundos de reflexão
sobre o que nos afastou...

se você me esquecer...
serias prescrita
a reiniciar o que não se reinicia
vivendo entristecida e desanimada
por outro amor, que não vicia

aí sim!
serei lembrança perpétua
escondida em seu lobo temporal
que nem gaveta
resguardada nas curvas do córtex da memória
temendo ser descoberta...



se você me esquecer...
as luzes que iluminavam
o teu sorriso
perderão o brilho
e a poesia não mais enfeita

seríamos dois estranhos
que cruzaram
o mesmo caminho
peso embora estarás
desfeita!...
ciente de que " nunca serás a mesma "
se você me esquecer...



A última carta (decisão final)

Digo que não
depois digo que sim
finjo cegar
o desenho do fim

finjo aceitar
que estou melhor
sem ti
contudo vejo
minha ficha cair

digo que sim
depois digo que não
sozinha me tranco
nesse furacão

perdi-me nas trilhas
do meu coração
estou dividida:
entre o amor e a razão

não direi mais nada
serei rouquidão
na voz abafada
terás tradução



de mim
não espere
cantadas de amor
voz desafinada
«espelha decisão»



Sobre o autor

Firmino Adelino Cacongo Kapuacala, de pseudônimo **Pensokrata**, nasceu em casa, no ano de 1999 em Luanda, Angola. Em 2014, isto é, no seu primeiro ano de Estudo Em Enfermagem Geral, no Colégio Nossa Senhora da Anunciação, começou a brotar em si, o início de uma paixão que jamais terminara, paixão esta que tinha nome: Poesia.

Desde então, o hoje estudante de Medicina do Instituto Superior Técnico Militar (ISTM) tem se tornado referência na comunidade literária, espalhando os seus conteúdos em sua página oficial de facebook e instagram, bem como por intermédio do grupo Prozart, que por iniciativa decidiu fundar junto dos seus companheiros d'arma; Justino Wassuca, Denilson Kiame, Cecília Marcolino, Justino Tigre E Amadeu Francisco.

Para o Escritor, o caminho ainda é longo, com inúmeros desafios por confrontar pelo que se mostra disposto a honrar o seu compromisso do bem escrever, sobre esta viagem chamada «Vida», tal como contribuir para o desenvolvimento da literatura nacional. Vale lembrar que **Paixotomia** é o primeiro rebento oficialmente publicado no repertório do jovem escritor, o que de certa forma, sugere pitadas de orgasmos literários nas suas obras futuras.

“Quando trabalhei como Enfermeiro, as pessoas me pagavam por cuidar das suas feridas. Em contrapartida, quando escrevo meus livros, sou meu próprio paciente. Um convalescente atrevido, compartilhando os segredos da auto-medicação «Livros curam».”

«Somos de tudo e de todos.»





Página oficial do Facebook: **Pensokrata**

Instagram: **Pensokrata**

E-mail: firminoadelino@gmail.com

Contactos: 940 893 996 ou 993 819 324

Outros:

Facebook: **Prozart6**

Instagram: **Prozart07**

